

‘Problemas’ do estudante brasileiro assustam o MEC

Percentual de acerto em pesquisa feita pelo Ministério em todo o país é de 43% em português e de 22% em matemática

Dario Palhares e Daniel Hessel Teich

• SÃO PAULO. O estudante brasileiro pretende ser levado “a sério, sem preconceituosidade ou preconceitos”. É difícil, como evidencia esse atentado ao português, perpetrado na prova de redação do vestibular deste ano da Universidade São Judas Tadeu, de São Paulo. A “pré-tenção” — uma das pérolas do besteiário compilado pelo professor de Língua Portuguesa José Roberto Mathias — reflete a indigência do sistema educacional brasileiro, comprovada por levantamento recente do Ministério da Educação (MEC). De acordo, com o 3º Ciclo do Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Básico (SAEB-95), de novembro de 1995, os estudantes da 8ª Série do Primeiro Grau apresentam percentual médio de acerto na compreensão da leitura de apenas 43,40%.

— A situação está pior do que a gente imaginava — diz a professora Ana Lúcia Jatobá, 30 anos de magistério, coordenadora do Departamento de Avaliação da Educação Básica da Secretaria de Informação e Avaliação do MEC.

O trabalho do MEC consistiu na aplicação de testes para 124.870 alunos — da 4ª à 8ª série do Primeiro Grau e da 2ª e 3ª séries do Segundo Grau — de 2.883 escolas públicas e privadas de 639 municípios dos 26 estados e do Distrito Federal. Foram apre-



O PROFESSOR JOSÉ Roberto Mathias, da Universidade São Judas Tadeu, mostra um exemplar do “Vestiburrando”, com as besteiras escritas pelos estudantes

sentadas, também, questões de matemática, disciplina em que os estudantes apresentaram desempenho ainda pior: entre os alunos da 2ª série do Segundo Grau, o percentual de acerto nas respostas a questões sobre números, operações, medidas, geometria, análise de dados, estatística e probabilidade, álgebra e funções foi de ridículos 22,20%.

— A criança que hoje enfrenta problemas na escola pode se

transformar no analfabeto de amanhã, considerando-se que só pode ser considerada alfabetizada a pessoa que sabe ler, escrever, contar e consegue se comunicar e se localizar na sociedade — comenta Ana Lúcia.

O professor Mathias sabe muito bem que esse risco é real. Todos os anos, por ocasião do vestibular da Universidade São Judas Tadeu, constata o enorme despreparo do estudante brasilei-

ro. No último exame, as estultices cometidas na prova de redação foram tantas que ele resolveu reuni-las no “Vestiburradas”, publicado no “São Judas”, o jornal da universidade.

Além de erros crassos de ortografia — problemas, falças promeças, reflexões passíficas, amadorecimento precose, irresponsável, sholongs (slogans), vantatismos etc. — e “mensagens” simplórias — “Se o seu ami-

go fuma craque, procure ajudá-lo a se livrar dessa e passar para uma melhor” — Mathias chama a atenção para a incapacidade de muitos estudantes de raciocinar de maneira lógica. No vestibular passado, por exemplo, um dos candidatos escreveu que “a postura dos jovens é definitivamente passiva mesmo sabendo que depende dos mesmos a metamorfose desta era repleta de hiras”.

— O que se percebe é que os

estudantes enfrentam uma enorme dificuldade de coordenar suas próprias idéias e raciocínios com a linguagem oral e escrita. Isso causa um rombo no processo cognitivo, já que o estudante não é capaz de usar corretamente as informações de que dispõe em qualquer área do conhecimento. Por conta disso, esses estudantes constroem pontes de palavras que levam do nada a lugar nenhum — afirma Mathias, que integra a banca examinadora do vestibular da São Judas Tadeu e é professor de Segundo Grau.

O maior vestibular do país revela também um retrato dramático da crise da educação. Dos 120 mil estudantes que todo o ano prestam os exames da Fuvest para conseguir uma vaga na Universidade de São Paulo (USP), 27% não conseguem atingir a nota de corte mais baixa da prova: 42 pontos, do total de 120. Segundo o vice-diretor da Fuvest, José Atílio Vanin, não se pode atribuir nem mesmo a culpa à escola pública, já que 75% desses estudantes vêm do ensino privados.

— Na verdade o que estamos vendo é a formação de um tipo de estudante que poderíamos definir como confuso. Extremamente superficial, não fixa sua atenção em assunto algum e seu desempenho é homogeneamente ruim, sem ter sequer uma matéria em que se sobressaia por algum tipo de afinidade — diz Vanin. ■

Sérgio Tomisaki